



Revista Brasileira

FASE VII 🐉 ABRIL-MAIO-JUNHO 2002 🐉 ANO VIII 🐉 Nº 31

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2002

DIRETORIA

Alberto da Costa e Silva – *presidente*
Ivan Junqueira – *secretário-geral*
Lygia Fagundes Telles – *primeira-secretária*
Carlos Heitor Cony – *segundo-secretário*
Evanildo Bechara – *tesoureiro*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio
Filho, Antonio Olinto, Ariano Suassuna,
Arnaldo Niskier, Candido Mendes de
Almeida, Carlos Heitor Cony,
Carlos Nejar, Celso Furtado,
Eduardo Portella, Evandro Lins e Silva,
Evanildo Cavalcante Bechara,
Evaristo de Moraes Filho,
Pe. Fernando Bastos de Ávila, Geraldo
França de Lima, Ivan Junqueira,
Ivo Pitanguy, João de Scantimburgo,
João Ubaldo Ribeiro, José Sarney, Josué
Montello, Lêdo Ivo, Dom Lucas Moreira
Neves, Lygia Fagundes Telles, Marcos
Almir Madeira, Marcos Vinícios Vilaça,
Miguel Reale, Murilo Melo Filho, Nélida
Piñon, Oscar Dias Corrêa, Rachel de
Queiroz, Raymundo Faoro,
Roberto Marinho, Sábado Magaldi,
Sergio Corrêa da Costa,
Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha,
Zélia Gattai Amado.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Miguel Reale, Carlos Nejar,
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Frederico de Carvalho Gomes

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 2524-8230
Fax: (0xx21) 220.6695
E-mail: abl2@montreal.com.br
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

Sumário

EDITORIAL O sumário da Revista. 5

Prosa

ALBERTO DA COSTA E SILVA Sobre a rebelião de 1835 na Bahia .. 9

ARNALDO NISKIER A missão da ABL na defesa da língua
portuguesa. 35

ALBERTO VENANCIO FILHO Paulo Carneiro: um humanista
brasileiro do século XX 55

MARCOS ALMIR MADEIRA Paulo Carneiro: um acadêmico 79

EDUARDO OSWALDO CRUZ Paulo Carneiro, cientista 91

LYGIA FAGUNDES TELLES A Escola de Morrer Cedo 113

EVANILDO BECHARA A língua dos modernistas: Evolução
ou tradição 121

MURILO MELO FILHO Cecília Meireles: poeta, centenária. 141

CARLOS HEITOR CONY De ícones e dedicações. 145

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO Parel Teyssier e o teatro
de Camões 149

PAULO NAPOLEÃO N. DA SILVA D. João VI e a escravidão 159

J.O. DE MEIRA PENNA Lúcifer, sexo e o pecado original 175

JOAQUIM-FRANCISCO COELHO A morte de Fradique Mendes.. 201

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES Sobre Eça, no Brasil,
com amor 213

TARCÍSIO M. BURITY O trágico em José Lins do Rego e
Gilberto Freyre. 225

Poesia

MIGUEL REALE Poemas 245

Guardados da Memória

Paris aplaude Santos Dumont. 251

Rui conquista Haia 252

ALCESTE Uma página de Euclides. 253



O sumário da Revista

Fazemos acompanhar cada número da *Revista Brasileira* de um editorial sobre as principais matérias publicadas, a fim de chamar a atenção dos leitores, que lhes devem dar preferência na leitura, embora queiramos todo o conteúdo lido e analisado, como têm feito professores da Universidade de São Paulo e de outras organizações universitárias. A escolha dos artigos é precedida de uma cuidadosa análise de cada colaborador. Temos, mesmo, procurado acolher nomes pouco conhecidos, para impulsioná-los, se eles valem, de fato, o nosso objetivo, que é favorável aos menos dotados de apoio nos órgãos de comunicação.

O número passado foi dedicado a *Os sertões*, de Euclides da Cunha, com farto material sobre a obra e o autor, o trágico autor que, moço ainda, se não fosse assassinado, poderia dotar a literatura brasileira de outras obras-primas, como a que nos ocupou em números anteriores, quando dedicamos numerosas páginas a Eça de Queirós, a Rui Barbosa, aos grandes das letras nacionais, com o fito de atrair a atenção dos jovens, dos menos jovens, dos professo-

res e dos alunos dos cursos superiores, para uma contribuição da Academia Brasileira de Letras ao fiel cumprimento do primeiro artigo de seu estatuto, o culto do idioma e da literatura nacional. É o que temos feito, com o maior dos esforços e com uma pugnacidade que, se nos permitem aqui afirmar, pouco se tem encontrado no país com essa obstinação.

Devemos dar graças a Josué Montello por ter sido dele, quando presidente da Casa de Machado de Assis, a idéia de reeditar a *Revista Brasileira*, suspensa há muito pelo presidente Austregésilo de Athayde, que, curto de caixa e sem meios de obter recursos financeiros para a empresa, suspendeu tudo quanto era possível fazê-lo, sem prejuízo para a grande, para a enorme responsabilidade da Casa no plano cultural do Brasil. A Academia que, de vez em quando, é alvo de críticas, exatamente porque, segundo essa casta de inimigos, pouco ou nada faz pela cultura, ao contrário, tem se desdobrado para cumprir o seu Estatuto, que é de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Rodrigo Octavio e Inglês de Sousa, homens do mais alto renome nas letras e que a vida inteira, quando dentro da Casa de Machado de Assis, procuraram corresponder ao que deles se esperava, assim como de seus confrades no quadro dos quarenta.

Agora, apresentamos um número diversificado, embora tenhamos tido o cuidado de colher três colaborações sobre a língua portuguesa: uma de Arnaldo Niskier, outra de Evanildo Bechara e outra de Leodegário A. de Azevedo Filho, notáveis pelo seu conteúdo e por interessar aos estudiosos da língua. Outros artigos enriquecem este número, e para eles estamos certos de que se voltarão as atenções dos leitores. Temos certeza de que estamos cumprindo o nosso dever, ao publicar, trimestralmente, com o refinado bom gosto de que a *Revista Brasileira* é exemplo, uma publicação do mais alto nível literário, digno das tradições da Academia. Estamos satisfeitos que assim venha ocorrendo, segundo testemunhos variadíssimos.

Prosseguiremos conduzidos em nosso itinerário acadêmico, guiados pelo exemplo sem par de Machado de Assis. O estilo de Machado de Assis é o que se pode classificar como perfeito. Lendo-se o *Memorial de Aires*, não se pode colocar uma palavra a mais, nem retirar uma palavra a menos. É tudo o que há de perfeito em estilo literário e na construção de um estilo de romance, como não foi, ainda, imitado, nem o autor o imitou dos ingleses ou dos franceses. Se o estilo é o homem, temos que convir que Machado de Assis criou a projeção estilística de sua personalidade, recatada, discreta, superiormente afável, mas sem intimidades que a abrissem à curiosidade de quantos se lhe aproximavam.

A Academia procurou seguir o mestre, e o tem seguido, salvo algumas exceções, que, no entanto, não alteraram a estrutura de uma instituição que já tem cento e cinco anos, passou por todas as crises que assolaram o país e não mudou, senão em aspectos secundários e superficiais. A velha Academia, do Pedagogium, do Silogeu, e, finalmente, do Petit Trianon, a Academia de Machado de Assis, de Rui Barbosa, de Afrânio Peixoto, de Alcântara Machado, de Guilherme de Almeida, de Manuel Bandeira e de tantos outros, que seria longo citar e que poderia suscitar ressentimentos nas omissões, esta Academia está viva e viva continuará, nas gerações que se vão sucedendo. A *Revista Brasileira* foi onde ela nasceu, no longínquo ano de 1897, sendo José Veríssimo seu diretor. A revista conserva, portanto, uma tradição, que se confirma na qualidade de seus artigos e na sua formosa apresentação gráfica, correspondente ao monumento que é a sua sede. É o que pensamos e o que pretendemos seja sempre objeto de reflexão dos que nos sucederem.